

KUPFER, D. O Tripé Microeconômico. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 14/07/2014.
Disponível em: <https://valor.globo.com/opinia0/coluna/o-tripe-microeconomico.ghtml>

O Tripé Microeconômico

14/07/2014

O plano real acaba de completar vinte anos, tendo recebido ampla e merecida cobertura da imprensa especializada. O Plano foi, de fato, um tiro certo contra um intolerável equilíbrio com inflação alta e crônica que castigava a economia, e principalmente a sociedade brasileira, havia mais de dez anos. Mas a estratégia de estabilização monetária fundamentalmente baseada em ancoragem cambial que, em essência, caracterizava o Plano Real, carecia tanto de sustentabilidade macroeconômica quanto de virtuosismo microeconômico.

A inconsistência macroeconômica foi rapidamente revelada pela pesada crise cambial que se armou em um curto interregno de quatro anos - a rigor, apenas três, descontando-se a sobrevivência do Plano, artificialmente prolongada pelo imperativo eleitoral de 1998. A superação do colapso no balanço de pagamentos veio com a implantação de um novo modelo de política, o tripé macroeconômico, formado por taxa de câmbio flutuante, metas de inflação e superávit primário. Hoje costumeiramente rotulado como uma continuidade, na verdade o tripé deve ser considerado mais como uma ruptura do que um simples ajustamento do Plano Real.

É inegável que o modelo do tripé, bem mais longo, pois vem possibilitando mais de uma década de estabilidade monetária, mostrou-se uma solução mais satisfatória. Mesmo a despeito da balbúrdia expectacional que rondou o período da campanha eleitoral de 2002, no final desse ano o déficit em conta corrente já apresentava importante melhora, estando em 1,5% do PIB ante 4,6% na entrada da década. Nos anos seguintes, com a melhora do quadro internacional e o direcionamento do padrão de crescimento da economia brasileira para as fontes internas de dinamismo foi possível colher bons resultados em termos de expansão do emprego e da renda e de melhoria de seu perfil de distribuição.

Modelo aprisionou a indústria, que se vê obrigada a enfrentar o eficiente arranjo produtivo asiático.

No entanto, os efeitos microeconômicos indesejáveis do modelo de estabilização do Plano Real, nem de longe debelados pela adoção do tripé macroeconômico, aprisionaram a indústria em um padrão de concorrência baseado em custos no qual ela se vê obrigada a enfrentar de frente o ultra-eficiente arranjo produtivo-comercial asiático sem poder contar com qualquer colaboração mais efetiva da política econômica. É fora de dúvida que juros altos, câmbio valorizado e política fiscal restritiva por si já formam um ambiente econômico extremamente hostil à atividade industrial. Contudo, ademais das consequências negativas diretas, a combinação dessas variáveis por longo período traz implicações ainda mais nefastas sobre o comportamento das empresas brasileiras. É o que aqui será chamado, por empréstimo, de tripé microeconômico.

A primeira perna do tripé microeconômico é a prevalência de um comportamento minimizador dos investimentos em capital fixo. A decisão de construção de fábricas “greenfield” tende a ser preterida em favor da incorporação de novos equipamentos às linhas de produção já existentes ou à adição de novas linhas às plantas produtivas existentes ou ainda à aquisição ou fusão com outras empresas também pré-existentes. A consequência agregada desse comportamento é a rigidez estrutural que vem caracterizando a indústria brasileira nas duas últimas décadas.

O comportamento refratário com relação à realização de esforços inovativos é a segunda perna do tripé microeconômico. A falta de meios para enfrentar os riscos muito altos e os tempos de retorno muito longos dos gastos em pesquisa e desenvolvimento e, posteriormente, na industrialização dos novos produtos ou processos eventualmente alcançados reforça a atávica opção pela imitação tecnológica que marcou a constituição da indústria no país. O resultado é o envelhecimento precoce da estrutura industrial.

A terceira perna do tripé é a tendência cada vez mais disseminada de as empresas recorrerem a um excessivo “outsourcing” (comprar insumos, partes e peças de terceiros) como forma de reduzir a relação capital-produto incremental requerida para a expansão da atividade, encurtando assim as necessidades de financiamento às custas da perda de densidade industrial. O saldo negativo aqui é a redução do potencial de aprendizado tecnológico e a crescente renúncia aos ganhos dinâmicos de produtividade dele decorrentes.

Mais do que qualquer outra atividade, o desenvolvimento da indústria depende visceralmente da existência de financiamento. Taxas de juros reais sempre muito altas e risco cambial sempre muito elevado drenam a capacidade de mobilizar recursos e limitam a constituição de um sistema financeiro minimamente disposto a emprestar a longo prazo. Soluções institucionais se fazem necessárias para romper a restrição financeira e desmontar esse malfadado tripé microeconômico.

In Medio Virtus

Dizem que no futebol tudo pode acontecer. Que o mais fraco pode vencer, que o “perna de pau” pode ser o melhor em campo e por aí vai. Mas quase sempre acontece simplesmente o óbvio. Por exemplo, time em inferioridade no meio de campo quase nunca vence. Quando essa inferioridade é flagrante, aumentam as chances de uma goleada. Mas o vexame que é uma seleção brasileira tomar uma chuva de cinco gols em menos de 30 minutos jamais será óbvio até porque nunca é um acontecimento circunscrito à duração do jogo. Começa antes, bem antes. E termina depois, bem depois. Veremos.